

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Six meses	\$600 "
Para o Brazil, por anno.	2\$000 "
Para a Africa, por anno.	1\$200 "
Nunca avulso.	30 "

Annuncia-se as horas das quaes se receba 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Antonio de Vasconcellos
Administração—RUA DA AGUA
FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha.	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello.	10 "

Originacs sejam ou não publicados não se restituem
Annuncios permanentes e communicados
preço convencionado.

A DECADENCIA DOS PARTIDOS

Affirma-se e com razão que os partidos politicos estão em decadencia e que, devido á falta de disciplina, a ambições insoffridas, se desmembram e esphacelam, transformando-se em facções que, arrastadas pelo despeito e por outras paixões, a que o odio e os rancores não são estranhos, se degladiam intransigentemente, com uma intolerancia que chega em dadas occasiões ás raias da ferocidade.

Depois do estabelecimento definitivo do constitucionalismo em Portugal, isto é, depois das campanhas da liberdade que terminaram com a convenção de Evoramonte em 1834, os vencedores começaram desde logo a organizar-se em partidos que de modificação em modificação, de lucta em lucta, por vezes terrivelmente sangrentas, chegaram até aos nossos tempos transformados em dous grandes organismos politicos: o regenerador e o progressista.

Durante annos, estes dous partidos historicos foram-se succedendo no poder, ao principio em lucta de doutrinas e de programmas, mas mais tarde, gastas as energias e as forças dos combatentes, em um rotativismo commodo que se prolongou até que do seio dos proprios partidos rebentaram as dissidencias e a desunião, reduzindo-os á impotencia no meio d'esse amontoado de ambições e despeitos que para ahí se estadeia a todos os momentos, dando um espectáculo bem triste aos olhos da opinião publica.

E deram-se essas dissidencias em um momento historico, em que os partidos monarchicos deviam apresentar-se mais unidos e fortes, a fim de sustermem melhor a lucta contra o inimigo commum, o inimigo que, desfraldando a bandeira da republica, os accusava dos maiores maleficios, apre-

sentando a monarchia constitucional como uma instituição que devia passar á historia.

Por mais que os espiritos sensatos, ante o espectáculo que uma politica desgraçada estava dando, mostrassem a toda a evidencia os perigos que de todos os lados surgiam e apontassem os escolhos em que poderiam fatalmente naufragar as instituições, os partidos, em lugar de se unir e fortalecer, continuavam a esphacelar-se, chegando á situação em que presentemente os vemos e que por certo nada tem de lisongeira, pois essa situação representa infelizmente a completa decadencia dos partidos, aos quaes incumbia a defeza da monarchia.

Lamentemos isso, pois o paiz nada tem a lucrar com essa decadencia, nem com o avigoramento dos inimigos da monarchia. E' um erro e até um crime que estão praticando aquelles que, por ambições mal cabidas e por despeitos, promovem essa decadencia e com ella a fraqueza da monarchia.

Não confundamos; quando se segue uma bandeira as deserções não são admissiveis. Representam uma traição a principios conscientemente adoptados, ao partidarismo, á collectividade politica em que cada um se filia e finalmente á propria patria. Esta tem tudo a lucrar com partidos fortes e vigorosos e nada com bandos ou facções politicas. Nada tem a lucrar tambem com a mudança de instituições, por isso seria uma calamidade que acarretaria sobre o paiz perturbações de tal ordem, que o levariam fatalmente á mais completa ruina. Trabalhe-se, portanto, para a consolidação do existente e nunca para que os credulos sirvam de degrau a... phantasias de regimen. Para isso, em lugar da decadencia dos partidos monarchicos, basta que elles se avigorem, tendo sempre como divisa a boa administração do paiz; e nada mais.

CHRONICA DE LISBOA

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 14—6—909.

Ralham as comadres. . .

O jornal «O Dia» órgão do sr. conselheiro José Maria d'Alpoim, que tem sido alvo dos mais rudes ataques por parte dos republicanos, clericas e progressistas, diz agora que o seu antigo chefe, sr. conselheiro José Luciano de Castro, tambem prevaricou na politica do ultimo reinado, recebendo algumas noites em sua casa, alguns dos vultos mais em evidencia no partido republicano, chegando mesmo a pensar no desthronamento e na constituição de uma regencia, ambicionando ser presidente da republica.

Essa grande massa anonyma que se chama povo, esse povo que tudo produz, que tudo dá e que tudo paga, esse povo que na sua grande maioria é indifferente á comedia que dá pelo nome de politica, que aprecia e que veja com olhos de ver, o que são os politicos d'este malfadado Portugal, que na ancia da lucta só procuram o seu engrandecimento pessoal esquecendo os interesses do paiz.

Em todos os paizes civilizados, os homens que se encontram á frente dos negocios publicos, cuidam com o mais denodado empenho, das questões de fomento e instrução; em Portugal, politica, e sempre politica. O povo na sua grande maioria é analfabeto, e maior seria a sua percentagem se não fosse a acção particular.

O numero de escolas é deficientissimo, e essas poucas que existem são (salvo algumas excepções) umas cavernas sem ar, sem luz e sem os menores attractivos para as crianças.

O nosso commercio é exercido por meia duzia de agiotas que se servem dos meios mais torpes para exercerem o seu mister.

Não temos industria, não temos marinha, não temos exercito, enfim, somos um povo escravizado.

Noticias recebidas de diversos pontos do paiz, confirmam novos abalos de terra, alguns com bastante intensidade, comprovando-se assim as previsões de alguns sabios.

Esteve hontem bastante concorrida a sympathica festa promovida pela associação d'empresa, no jardim da Estrella, sendo ali presas duas guapas hespanholas por andarem passando moedas falsas de 500 reis, com que pagavam pequenas despesas que faziam nas kermesses.

Foi pedida em casamento pelo nosso amigo Annibal Gonçalves da Paixão, a menina D. Victoria da Conceição Silva e Carvalho, gentilissima filha da sr.ª D. Marianna Carvalho.

Parte brevemente para Mafra, no goso de licença, a fim de frequentar o curso da escola Central, o nosso amigo Julio Cezar Prazeres, a quem desejamos uma feliz viagem e que os seus estudos sejam o arvorecer da melhor felicidade; o que esperamos devido ás excellentes qualidades de que é dotado.

Até ao proximo numero.

Adrião Lucas.

NOTICIARIO

Por se terem aggravado os padecimentos do nosso dedicado patricio e amigo, o Sr. Manuel do Carmo, que como dissemos no numero anterior se encontrava em uso d'aguas no Gerez, foi aconselhado pela medicina a ir seguir outro tratamento em Lisboa, para onde partiu já; sendo aguardado na estação de Coimbra por sua digna esposa e filhinha, que esteve n'esta Villa de visita á esposa do nosso amigo, o Sr. Carlos Liborio, conceituado commerciante que tambem a acompanhou áquella cidade.

Fazemos ardentes e sinceros votos pelo restabelecimento do nosso amigo, que é credor de toda a nossa estima pelas suas distinctas qualidades.

Com 30 dias de licença retirou hontem o meretissimo Juiz de Direito n'esta Comarca, o Ex.º Sr. Dr. Antonio de Castro Pereira e Solfa, acompanhado de sua virtuosa esposa.

Que suas excellencias façam muito boa jornada é o nosso maior desejo.

Regressou na terça feira ultima da Figueira da Foz, o administrador d'este jornal, que foi áquella cidade tratar d'assumptos referentes ao depósito alli do bello pão de ló da sua fabrica.

Já regressou do uso d'aguas do Gerez o nosso presado patricio, e bom amigo, o Sr. Augusto Coelho Agria. Este nosso amigo passou um dia em Coimbra á espera do carro que que solicitou por telegramma da alquilaria do Sr. Carreira d'esta villa.

De visita a sua familia esteve n'esta Villa o Sr. Pompeu Rodrigues Carreira, acompanhado d'um seu amigo.

Tomando parte no casamento da

filha do nosso amigo, Sr. José Cavalleiro, esteve n'esta Villa a Sr.^a D. Maria da Cunha e Oliveira acompanhada de sua gentil netta D. Maria Adelaide dos Santos, ambas de Lisboa.

De visita á Sr.^a Vicencia da Purificação Fidalgo, esteve n'esta Villa o Sr. Emygdio Simões Estevão, commerciante em Lisboa e sua esposa a Sr.^a D. Rosa Teixeira Bastos Simões Estevão.

Chegou na sexta feira da semana finda a esta Villa, de visita aos seus extremos paes e irmãos, o nosso presado amigo, Sr. Alfredo Simões d'Almeida, estimado commerciante em Lisboa.

Este nosso amigo ainda se demora até passar a festa de S. João.

S. João Baptista

Com bastante pompa e luzimento, começaram no dia 15 do corrente na Igreja matriz d'esta Villa, as novenas ao Sagrado Precursor.

Teem sido bastante concorridas e agradado bastante, sendo a musica executada a órgão pela Sr.^a D. Sophia Perdigão e o canto pelos musicos da Philharmonica Figueiroense, tendo tudo corrido de forma a nada deixar a desejar.

No dia 23 vigilia da Festa, queimar se ha um lindo fogo d'artificio, composto quasi na totalidade de foguetes, de lindo effeito, que é o fogo geralmente usado no Minho e nos grandes centros, onde tem sido bastante admirado e sendo preferido ao antigo fogo de rodas, bonecas, etc. que vae sendo posto de parte. O pyrotechnico é o afamado Antonio Luiz Julião, do Barqueiro, artista já bem conhecido, pelo lindo fogo que tem fornecido para diferentes pontos do paiz, onde tem sido bastante e justamente apreciado. No dia do fogo haverá, illuminações, descantes, bailes populares etc.

No dia 24, dia da festa, logo de manhã haverá communhão ás creanças. A's 10 horas, missa solenne cantada a grande instrumental, e sermão pelo Rv.^o Mattos de Campello, orador já bem conhecido.

A's 3 horas da tarde haverá novena a grande instrumental e sermão pelo abalitado orador Rv.^o Daniel de Macãs de D. Maria.

Em seguida sahirá a procissão, sen-

FOLHETIM

O TALISMAN

III

Elsa quedara se alguns momentos aborta e como que irresoluta.

—Andry proseguiu:

—Nos salões de teu pai, minha querida, não te faltará com quem conversar, rir e dançar. Serás adula da e cercada por um sem numero de officiaes brilhantes, todos na flor de idade. Se és formosa para mim, mais formosa serás para os outros.

—Andry—obtemperou a joven esposa—quando falas assim, mal imaginas o que me fazes soffrer!

E acrescentou:

—Sim, soffro immenso!

E dos seus olhos desprenderam-se duas lagrimas que rodaram lentamente pelas suas faces mimosas levemente rosadas.

Andry sentiu-se invadido pelos remorsos.

Enlaçando a esposa pela cinta, murmurou:

—Não passo de um louco, Elsa, de um louco rematado!... Não devia nunca affligir-te e maguar-te com semelhantes palavras. Mas que que-

do o S.S. conduzido debaixo do pallio pelo Rv.^o Arcypriste, acompanhado por diferentes eclesiasticos e irmandades, pelas creanças que receberam a communhão, por muitos e bem vestidos aninhos etc. etc. e pela philharmonica Figueiroense, que no couce da procissão executara duas bonitas marchas graves.

Teem, pois, os Figueiroenses e todas as mais pessoas que quizerem assistir uma festividade com pompa e luzimento, bem pouco vulgar em terras de provincia.

Fallecimento

Falleceu em Leiria, na tarde do dia 8 do corrente, na idade de 63 annos, o nosso prestimoso e particular amigo, Roberto dos Guimarães Moreira, antigo contador e distribuidor do juizo de direito n'aquella cidade, que ha annos se achava substituido por seu filho o Sr. Raul dos Guimarães Moreira.

O extinto contava numerosos amigos e muitas sympathias, porque era amigo de prestar serviços, cavalleiro de trato extremamente cortez e funcionario sempre activo e considerado. Ultimamente exercia o cargo de solicitor por no que mostrou bastante proficiencia.

N'esta villa tinha amigos dedicados que muito sentiram a sua morte.

O seu funeral (dizem os jornaes d'aquella cidade) teve logar na tarde do dia 9. Foi muito concorrido, vindo-se n'elle todo o pessoal judicial da Comarca e muitos individuos de de todas as classes.

Deixa viuva a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Augusta Guimarães Moreira e dois filhos: D. Alcinda Guimarães Moreira e Raul dos Guimarães Moreira.

A todos os nossos sentidos peza-

Casamento

Consocecion-se no sabbado proximo findo, o nosso amigo, Sr. Manuel Henriques, guarda-livros da Casa Commercial Agia & C.^a d'esta Villa, com a filha do Sr. José Soares Cavalleiro empregado em Lisboa.

Aos nubentes desejamos as felicidades de que são dignos.

res? ... Não posso, por mais esforços que faça, ser por vezes superior a mim mesmo. Está bem, acabou! Parte sem receio algum; saberei ter juizo. Vai agasalhar-te bem, leva a capa de pelles. A noute está fria e a velocidade do automovel ainda torna o ar mais tude e cortante.

Elsa foi tratar de agasalhar-se, como o marido lhe dissera.

Ao ficar só, Andry sentiu de novo o coração opprimido, perpassando-lhe ao mesmo tempo pelo cerebro pensamentos que o entristeciam.

—Estou louco!—murmurou, como se quizesse repellir os pensamentos que lhe tumultuavam na mente.

Não lhe foi, porém, possível. Como Elsa se demorasse, Andry murmurou:

—Assim leva tanto tempo pegar n'uma capa e lançal a aos hombros? Quem sabe; está sem duvida a enfeitarse para se tornar mais bella e agradar aos outros! As mulheres são todas assim. Em questões de enfeites todas sabem fazer da melhor vontade os maiores sacrificios.

Não tardou Elsa a apparecer agasalhada em uma rica capa de pelles, com a cabeça envolta em uma mantilha de malha de lã, muito espessa, que apenas deixava ver os olhos.

A joven esposa dirigia-se para o

A MANHÃ E A TARDE

A mocidade é a manhã e a velhice é a tarde da vida humana.

A manhã será ou é—muito alegre para os felizes e despreoccupados; mas, para os tristes e apprehensivos, é—ou será—mais calma e suave a tarde, que traz o fim das lides e dissabores quotidianos. Eu gosto mais da tarde. Ao despertar depara-se-me na mente esta terrivel interrogação: «D'onde virão e como serão os dissabores, decepções e arrelias d'hoje, visto serem o «paço nosso de cada dia»? E á noitinha digo: «Já não terei mais arrelias nem motivos de tristeza n'este dia! As luctas e canceiras acabaram por hoje!» A manhã—assim como a primavera—é alegre e tristissima ao mesmo tempo.

«Sempiterna apregoadora de melancholias e pessimismos!» dirão as criaturas de genio folgazão e bom humor!

E eu estimarei que muitos pensen e vejam de modo contrario ao meu, n'este ponto, porque desejo que o numero dos tristes e apprehensivos seja cada vez menor. Mas, como escrevendo ou fallando, sinto sempre necessidade de dizer a verdade, não posso nem quero fazer agora o contrario:

A estação das flores redobra—nas pessoas sensiveis—os soffrimentos physicos e moraes.

Só os que teem saúde e trazem a alma em festa, só os que possuem «corpo são e alma são» teem motivo para desejar a primavera. Quem só vê festas e alegrias em volta de si, sente como que augmentar—Será isto egoismo?—o peso do fardo dos seus males, sejam elles de que especie forem.

Perante os quadros sublimes, magestosos e arrebatadores que a Natureza nos offerece, principalmente nas manhãs de primavera, eu fico quase aniquilada, sentindo sem saber bem o quê, desejando sem saber dar limites ao desejo, aspirando a enlevos que me não parecem da terra!

Póde copiar-se a Natureza na tela, no verso ou na prosa; mas ninguém logrará verter na alma de outrem a poesia que sente na sua, extasiada com o que vê!

Leia o «No Minho» de D. Antonio da Costa, quem quizer ver copiada ao vivo, em alto relevo, se assim posso exprimir-me, a Natureza!

Eu que, infelizmente, nunca fui ao Minho, enthusiasmo-me só de ler aquella pérola litteraria, que é um primor de prosa descriptiva:

«Os bailes deslumbram, os theatros enthusiasmam, as paixões elec-

fogão, collocou sobre a pedra de mármore um objecto qualquer e depois, voltando se para o marido, disse-lhe, sorrindo, como ella só sabia sorrir:

—Na pedra do fogão colloquei a caixinha de tartaruga e ouro que me deste como presente do Natal. Dentro d'essa caixinha metti um talisman, que deve expulsar da tua alma qualquer sentimento de cume.

—Talisman!—atalhou Andry com expressão de quem não comprehendia.

—Sim, um talisman. P'emette-me agora uma cousa, Andry.

—Que queres que te prometta, minha querida Elsa?

—Uma cousa muito simples.

—Falla, sou todo ouvidos.

—E promettes cumprir?

—Porque não hei de prometter? Acaso já deixei de satisfazer algum pedido teu?

—Está bem; o que pretendo é muito simples. Que não descubras a minha surpresa, ou por outra que não abras a caixinha senão á meia noute em ponto, dada pelo nosso relógio. Promettes?

—Que creancice! A' meia noute!.. Porque não ha de ser a outra hora?

—Porque a meia noute é a hora fatidica, a hora em que todos os talismans teem maior poder. Assim o affirmam todos.

trizam o espirito; mas tudo desaparece como um sonho até ao sonho seguinte. Só a Natureza apresenta sempre segredos nos milhares de seus encantos e na immensidade das suas scenas!»

Lêde este livrinho, e deixae as minhas humildes producçõesitas!

Alqueidão de Santo Amaro.

Rita da Costa de Jesus,
Professora official.

SONETO

Ó Líl minha! teu olhar fulgente,
Nos braços da ventura me conduz;
Sorri-me a esperanza, nessa luz
Que o coração me preñde, ternamente...

A minh'alma embalada, docemente,
P'lo brilho desse olhar que me seduz,
Nelle lê a pureza, pois traduz
O sentir da tu'alma tão sómente!...

Quando lagrimas perlam teu olhar
Mais lindo surge, então, convida a amar...
Não se póde fugir á tentação;

Porque delle dimana o doce bem
Que min'alma acalenta e que me tem
Preso, manietado o coração.

Martyrio.

Visita inesperada

A' hora a que o nosso jornal está a entrar no prélo passem as ruas da Villa 20 cavalleiros da bonita terra de Sernache do Bonjardim, acompanhando-os as principaes pessoas de Figueiró.

CARLOS LIBORIO

COM
ESTABELECIMENTO
DE

Mercearia, quinquerias,
ferragens, drogaria, vidraça,
petroleo, charruicos para lavou-
ra, enxofre, sulfato de cobre,
cimento e muitos outros artigos

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Encarrega-se do transporte de encomendas de Pombal, sendo-lhes enviadas as respectivas senhas do caminho de ferro, mediante pequena remuneração.

—Todos os credulos, debes acrescentar—disse Andry sorrindo.

Credulos ou não, o que desejo é que cumpras a promessa. Cumpres?

—Está bem, minha princezinha de cabellos de ouro, cumprirei o teu desejo. Com que então á meia noute?

—Em ponto e dada pelo nosso velho relógio.

—Muito bem, não me esquecerei.

Elsa beijou o marido, que a acompanhou até á porta do jardim, ajudando-a em seguida a subir para o automovel.

Depois ouviu se a voz da joven esposa dizer:

—Até breve, Andry!

—Adeus, Elsa! Agasalhe-te bem.

O ar está cortante.

Ouviu se o tufo-tufo do automovel nos seus primeiros movimentos, desaparecendo em seguida impulsionado pela força do motor, que lhe imprimiu um andamento rapido.

Andry quedou-se algum tempo immovel, junto da porta do jardim, seguindo com os olhos o automovel, cujos pharoes illuminavam a estrada poderosamente, espandendo as trevas da noute.

Mais alguns momentos e a luz dos pharoes desapareceu em consequencia de uma curva da estrada.

(Conclue).

O ouro e o diamante

Tanto o ouro como o diamante são objectos de um grande commercio, que affectam innumeraveis interesses.

Entretanto o ouro tem sobre o diamante a vantagem de ser um artigo que não varia de preço, sendo identico em todos os mercados, salvo, quando por motivo de crise, está sujeito ao agio, como succede actualmente entre nós, na vizinha Hespanha, no Brazil etc. Mas, mesmo com agio, o ouro tem sempre facil collocação.

Supponhamos que um individuo recebe do Transvaal, da Australia, dos Estados-Unidos ou do Brazil 500 kilos de ouro. Esse individuo pôde indifferentemente levar todo esse ouro ao Banco de Portugal, ao Banco de Inglaterra, ao de França, aos de Bruxellas, Amsterdam, Berlin, Roma ou Vienna que, immediatamente o trocarão por ouro cunhado ou notas representativas do valor do metal entregue. Como o preço é igual por toda a parte, receberá sempre o mesmo dinheiro, com acrescimo do agio nos paizes que estão sujeitos a elle.

As commodidades que se encontram no commercio do ouro, já se não dão com o commercio dos diamantes.

Esta pedra preciosa com que as mulheres e os homens gostam de se ataviar, está sujeita a variações de preços, devidas mais ao estado geral dos negocios que ás exigencias da moda. Em questões de moda, o diamante é sempre a pedra por excellencia, a que mais attractivos offerece.

Um diamante, pesando um quilate, pôde valer, tanto para quem o vende como para quem o compra, 36\$000 reis. Vale-os effectivamente na occasião em que se concluiu o negocio; no dia seguinte, porém, pôde valer menos, se os negocios geraes se modificarem desfavoravelmente, fazendo com que objectos de luxo sejam menos procurados. Dez libras esterlinas valerão sempre reis 45\$000, sem agio; pelo contrario um diamante com o peso de um quilate pôde baixar de preço sob a pressão de circumstancias independentes da vontade de quem o possui.

Para assegurar a estabilidade dos preços de um artigo tão caro que, á menor oscillação, pôde representar differenças de millhões, era necessario que o commercio de tão preciosa pedra não fosse abandonado e que cahisse em mãos vigorosas.

Pouco mais ou menos a extracção de diamantes eleva-se todos os annos a 72 mil contos pouco mais ou menos. Essa extracção ainda poderia ser mais consideravel, bastando os celebres jazigos da Africa do Sul para inundar os mercados de pedras preciosas. Os proprietarios e exploradores d'esses e outros jazigos chegaram entre si a um accordo que consiste em limitar a extracção do diamante áquella quantia pouco mais ou menos.

As minas ou jazigos de diamantes precisam de uma boa verba para serem explorados. Precisam de pagar ao numerooso pessoal, manter em bom estado o material de exploração e attender aos dividendos, para que os accionistas não se mostrem de mau humor. Por consequente, es-

sas necessidades não lhe permitem demorar a venda dos diamantes.

Mas por outro lado não podem também sujeitar-se ás contingencias da venda a retalho, offerecendo o artigo a milhares de joalheiros e expondo-se á eventualidade de não receberem o dinheiro com a devida regularidade. Similhante eventualidade seria a paralyzação da exploração das minas. D'ahi a idea de um poderoso syndicato. Proseguiremos.

OS CALLOS

Ninguem ignora que os callos são um endurecimento da pelle devido a compressões ou fricções continuadas.

Os callos nos pés constituem uma enfermidade ligeira, mas que se torna importuna, quando causa dores agudas e intempestivas, que excitam os espiritos mais fleumaticos.

Attribue-se em geral a causa dos callos ao calçado apertado, dizendo-se com verdade que os callos são obra dos sapateiros. Os individuos que andam descalços nunca têm callos; isso é incontestavel.

Se os callos são motivados pelos sapateiros é porque estes em geral não prestam attenção á forma do pé, exagerando por vezes a moda, como acontece quando fazem calçado ridiculamente ponteagudo.

O calçado apertado e ponteagudo deforma os dedos dos pés, comprimindo-os, motivando pressões que irritam a pelle e determinam a formação de callos, especialmente no dedo pequeno. Quando o callo nasce entre os dedos, na face interna, dá-se-lhe o nome de olho de perdiz. É branco e molle por effeito continuo do suor que o amollete.

O callo constitue-se geralmente sem dor; esta só se manifesta depois intermittenemente. É sobretudo quando chove ou quando o tempo ameaça humidade que os callos doem mais. Casos ha que são uma especie de barómetro, adivinhando ou predizendo a humidade da atmosfera. Isto é devido ás raizes do callo, que se introduzem profundamente nos tecidos, incham e comprimem as terminações nervosas. D'ahi as dores, por vezes finamente agudas, identicas ás produzidas por uma picada de alfinete.

A primeira coisa a fazer, desde que se nota a formação d'um callo, é usar calçado largo, de cabedal flexivel, que não cause compressões ou irrite por qualquer modo a pelle. Pôde-se tambem evitar a compressão dos callos, usando umas pequenas rodellas de borracha, foradas ao centro e que deixam o callo livre.

Para destruir os callos não faltam unguentos, emplastros, causticos e outros remedios mais ou menos preconizados pelo reclamo. Poucos são, porém, os que se possam qualificar de efficazes, havendo até alguns que são perigosos. Por outro lado, não basta extrahir a parte superior do callo ou superficial. Para que o remedio seja radical, é necessario extirpar as raizes. É uma pequena operação, mas que deve ser feita por um medico habil, depois de um banho de agua tépida aos pés, a fim de produzir o amollecimento do callo. É uma pequena operação, mas que necessita de certas cautelas.

Quando alguém corta a si mesmo

os callos, e em geral é o que todos fazem, deve-se servir de instrumentos muito limpos, passando por exemplo a folha do canivete por alcool e depois pelas chamas. Não se fazendo isto, corre-se o risco, no caso de golpe, de produzir uma infecção, sobretudo se se padece de diabetes ou albuminuria.

Abstracções

É um anjo de bondade,
Um cherubim de candura
Sem orgulho nem vaidade,
Aquella graça tão pura!

Considera o seu lugar,
Cumpre á risca o seu dever
E tem raptos d'assombrar
O mais conspicioo saber!

É que a graça ama a Virtude
Que não mente nella illude!

SECÇÃO HISTORICA

D'OS «FRADES»

DE

JOÃO DE LEMOS

«Excerptos»

O mosteiro de S. Pedro de Cardenha foi o primeiro domicilio dos monges de S. Bento, em Hespanha. D'ahi se destinaram alguns para a provincia Luzitana, encaminhando-se a Coimbra, que Ataces, Rei dos Alanos, tinha fundado de novo, pelos annos de 400.

Os monges, que só buscavam os descampados, e os lugares asperos e só vistos do ceu, descobriram ao nascente de Coimbra o encovado e escabrozo sitio de Lorvão. Contentes d'haver achado tão triste solidão, alli se estabeleceram e deram começo ao primeiro convento beneditino que houve em Portugal, e de que foi fundador e primeiro Abade o monge Lucencio.

Quando estes monges se estabeleceram em Lorvão, eram aquelles lugares por extremo agrestes, cobertos de florestas, infestados de feras e cortados de penhanos. Estas asperezas namoraram n'os monges que só com fadigas folgavam; elles mesmos não queriam viver senão do trabalho de suas mãos, imitando os Apostolos. O paiz escabrozo e dezerto, por meio do trabalho dos frades, se tornou ameno e rizonho: foi com o suor do seu rosto que elles fecundaram n'o solo que hoje é fertil.

Os moradores das vizinhanças, maravilhados da vida exemplar d'estes beneditinos, corriam de toda a parte a lhes fazer offertas de rendas de bens, como que á competencia; e assim se foram lançando os fundamentos d'aquelles *Bens nacionaes* que em 1834 foram vendidos e divididos como a túnica do Salvador.

Mais de 170 annos continuaram n'os filhos de S. Bento n'esta simplicidade de vida, até que a paz das Hespanhas se perturbou com a entrada dos moiros; mas o ceu que não desampara os seus uéis, tinha para estes aparelhado uma grande gloria. Os moiros, com ser moiros, respeitaram n'os frades, e lhes permitiram o continuar a viver na sua Lei, pagando annualmente um tributo.

Mais. Alboacem, um dos primeiros reis agarenos, izemptou de ve-

xações o mosteiro de Lorvão, pelo bom agazalho que uma vez lhe haviam feito os monges.

Cabe aqui uma triste reflexão: No modo porque esses moiros se houveram para com os frades, mostraram sentimentos de christãos: muitos séculos depois, veremos talvez a os christãos mostrarem, para com os mesmos frades, sentimentos de moiros.

XXII.

Continúa.

1—Talvez não, é certo.

É nas egrejas—que para muitissima gente são bem menos respeitaveis que as salas d'um theatro—que a má educação e a falta de creença religioza mais se manifestam aos olhos d'aquelles que sabem respeitar e honrar o lugar em que se acham.

Assim, nas grandes solemnidades religiozas, como por exemplo nas da Semana Sancta, não é raro ver-se passear, cavaquear, trocar e até blasphemar n'uma Igreja, como em qualquer caza de pouquissima cerimonia, theatro ou mesmo café pataqueiro.

Simplemente immoral e escandaloso porque, quem lá não vai por devoção, ou não é capaz d'assistir com aquella dignidade que o acto requer e a boa educação aconselha, melhor era lá não ir.

De todas as ambições humanas, só duas acho tão justas e sensatas como inoffensivas.

São ellas a da aspiração á vida eterna e a do saber: a de saber muito, muitissimo até, mas sempre honrando «o bom saber» cujo alpha é Deus.

A. d'Almeida.

ANNUNCIOS

Arrenda-se

Casa com quintal e páteo, na rua do Relogio d'esta villa.

Quem pretender dirija-se a José Simões da Silva.

Vendem-se

os bens de José da Silva Nardo, de Villas de Pedro, que são actualmente de Albino Nunes. Estes bens são uns no Castello e outros em Villas de Pedro.

Quem pretender dirija-se a Albino Nunes, em Figueiró dos Vinhos.

ANNUNCIO

(1.^a publicação)

Pelo Juizo de Direito de Figueiró dos Vinhos e cartorio do escrivão Jardim, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação, citando Silverio Luiz de Carvalho e sua mulher, residentes no Brazil em parte incerta, para assistirem sob pena de revelia, a todos os termos do inventario orphanologico por morte de seu pae e sogro Manuel Luiz de Carvalho que foi d'esta Villa de Figueiró dos Vinhos.

Figueiró dos Vinhos, 14 de junho de 1909.

O escrivão do 1.^o officio
Joaquim F. de Campos Jardim.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Pereira e Solla.

ANNUNCIO

(1)
(2.ª publicação)

Pelo Juizo commercial da comarca de Figueiró dos Vinhos e cartorio do escrivão Jardim correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação chamando os seguintes credores, do commerciante Antonio Henriques Dias, das Sarzedas de São Pedro, freguezia da Castanheira de Pera, que não acceitaram a concordata por elle proposta, para no prazo de cinco dias, posteriores aos editos deduzirem por embargós o que considerarem de seu direito contra a mesma concordata, a saber: José d'Oliveira Meca & Comandita, de Lisboa, Manuel Lopes Simões Ideias, de Lisboa, João Henriques Fernandes, das Sarzedas de São Pedro, e José Luiz da Paço, de Lisboa. Para o mesmo fim são chamados quaesquer credores incertos. Figueiró dos Vinhos, 1 de junho de 1909.

O escrivão do 1.º officio:

Joaquim F. de Campos Jardim.

Verifiquei: O Juiz Presidente,

Pereira e Solla.

Editos de 30 dias

(2)
(2.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito de Figueiró dos Vinhos e cartorio do primeiro officio correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação no Diario do Governo, citando o interessado e credor Sebastião Alves, solteiro, maior, de Pera mas residente em parte incerta, e os credores Felicidade Henriques Costa, moradores na villa e comarca de Ceia, para assistirem a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por morte de Clara Maria, que foi de Pera, sob pena de revelia. Figueiró dos Vinhos, 1 de junho de 1909.

O Escrivão

Joaquim F. de Campos Jardim.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Pereira e Solla

Manteiga sem rival

de
Macieira de CamaraE' depositaria a S.ª Maria da Conceição Almeida Henriques
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Latas de 1 kilo..... 840

Ditas de meio..... 420

Ditas de um quarto..... 210

Fica fornecendo pelo mesmo preço da fabrica.

Alvaiade VEADO

A melhor marca que existe

A venda nas principaes Drogarias de Lisboa e Provincias.

Fabrica e escriptorio—Boqueirão dos Ferreiros, 16 e 17.

(à Boa Vista)

LISBOA

RELOJOARIA BARROCAS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Bom sortimento em relógios de meza e parede; relógios mourês de pesos com figura na pendula; despertadores desde 500 reis.

Relógios de bolso, boas marcas—Vulcain Longines Civil Cronometro Naval e outras marcas, garantidos por um e dois annos.

Machinas de costura de diferentes marcas, e todas as peças pertencentes a estas machinas.

Cordões, correntes, argolas, brincos, botões, cruces, fios, alfinetes, anéis e berloques de ouro e prata.

Compra e recebe em troca ouro velho, moedas de ouro antigas ou modernas.

Concertos garantidos em relógios, machinas fallantes, caixas de muzica e objectos de ouro e prata.

Largo da Praça

(em frente da igreja)

Manuel Coelho Fernandes David.

ADUBOS CHIMICOS

DA CASA

Henry Bachofen & C.ª

DE LISBOA

A mais importante fabrica do paiz e unica onde se fabricam superphosphatos

Aos que ainda não tenham applicado os adubos chimicos nas suas sementeiras, pede-se a fineza de informar-se, sobre o resultado obtido com os adubos da casa **Henry Bachofen & C.ª**

Em Figueiró dos Vinhos—Sr. Manuel Rodrigues Perdigão.

Em Pedrogam Grande—Srs. Dr. Eduardo Magalhães e José Pires.

Em Castanheira de Pera—Sr. Antonio Alexandre Alves Correia.

Em Certã—Sr. David Eunes e Silva.

Em Pedrogam Pequeno—Sr.ª Familia Serra.

Alem de outros competentissimos consumidores.

Todos os pedidos podem ser feitos directamente aos fabricantes, ou ao

Grande deposito
em Pedrogam Grande de**Manoel Rodrigues**

FABRICA DE SABÃO

EM

PEDROGAM GRANDE

Acaba de ser montada e tem já á venda por grosso, todas as marcas de sabão uzadas até hoje.

Qualidades garantidas a preços resumidos.

Os proprietarios

José Henriques da Silveira & Silva.

ESCRITORIO FORENSE

Rua do Ouro, 170, 2.º

Telephone 2:183. Telegr.ª

«Leque»—LISBOA

LEITÃO & ALBUQUERQUE

N'este escriptorio, com a maxima seriedade e brevidade e sob a gerencia do socio Arnaldo d'Albuquerque, solicitador encartado n'esta comarca, se toma conta e dirige qualquer assumpto forense ou commerciar por preços relativamente modicos.

Pleitos judiciais, taes como, habilitações, inventarios, separações, liquidações d'espólios, despejos, etc., e quaesquer demandas em geral.

Recursos, em todos os tribunales superiores.

Pendencias, em todos os ministerios, repartições, despachos ecclesiasticos, legalisação de procurações, certidões e quaesquer documentos estrangeiros e suas traducções ou quaesquer ontras.

Recebimentos, de dividas, rendas, fóros, pensões, juros d'inscrições, acções, obrigações, etc., e averbamentos d'estas.

Anuncios para o «Diario do Governo» e todos os jornaes da capital e provincias, reclames, etc.

Encomendas de toda a especie, suas remessas para a provincia, ilhas e colonias.

Assigaaturas de quaesquer obras litterarias scientificas e de recreio, tanto nacionaes como estrangeiras.

Administrações de casas particulares.

Representações de casas commerciaes e industriaes nacionaes e estrangeiras.

Sobre a seriedade e competencia d'este escriptorio dão referencia as seguintes casas commerciaes d'esta praça:

Eduardo Martins & C.ª—R. Nova do Almada, 111 a 213.

Paiva Irmãos—Praça do Municipio, 13, 2.º

Francisco Antunes de Mendonça Sobrinho (Herd.ª)—R. da Magdalena, 11.

Irmãos David (Retozaria)—R. Garrett, 112 a 118.

Joaquim Nunes Coelho—R. de S. Paulo, 188.

Joaquim Pires Mendes—R. dos Bacalhoiros, 28.

Jeronimo Martins e Filho—R. Garrett, 13 a 19.

Alfonso de Barros & C.ª—R. Augusta, 72 a 79.

NA LOJA

DOS

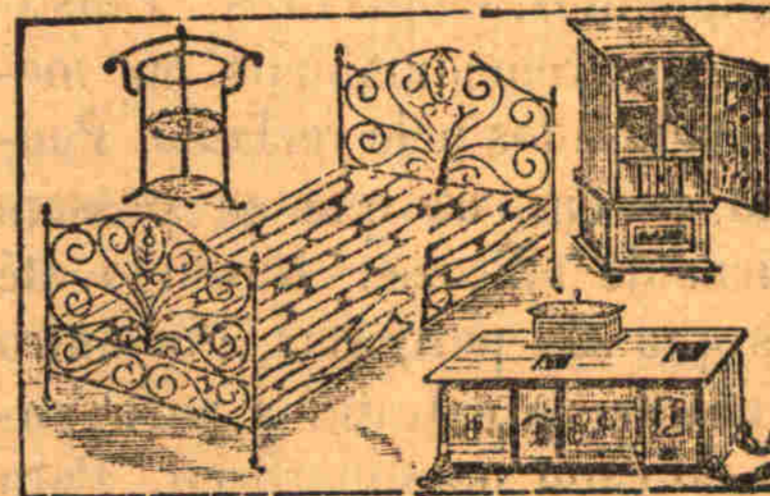
QUATRO GLOBOS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS

N'ESTE ESTABELECIMENTO
encontram-se á venda**camas de ferro a 2\$000,**

ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de ma-



deira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de cores).—Lenços de seda e de lã.—Relógios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda-se em vir acto continuo.

Usae o Fuminol

Contra o vicio do fumar

Em poucos dias desaparece este prejudicial vicio bochechando com o «Fuminol»—que é inoffensivo, não tem mau paladar e é d'um effeito seguro e rapido.

Frasco 400 reis.

Pelo correio 450 reis.

Remette-se a quem enviar a sua importancia á

—PHARMACIA CAMPOS—

Estarreja—Salreu

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhor situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são **800** reis por dia, bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por **200** reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.